

“As coisas não podem piorar”

Nikolaidis, Giannoudakis e Athanasios G. Para estes e outros cidadãos gregos com quem o Negócios falou, a situação do país não pode piorar.

“A vitória do Syriza é uma realidade”, diz Nikolaidis, nome fictício, cidadão grego luso-descendente. Também Giannis Giannoudakis, jornalista desportivo, aponta o partido de esquerda radical “como o favorito à vitória” no próximo dia 25 deste mês. Já Athanasios G., um funcionário do sector público que fala, igualmente, sob nome falso, considera que o Nova Democracia (ND) e o Pasok “têm uma agenda escondida bastante disseminada”, o que deverá jogar a favor do partido de Alexis Tsipras, antecipa. Nikolaidis, Giannoudakis e Athanasios G. são alguns dos eleitores gregos com os quais o Negócios falou para tentar medir o pulso aos sentimentos numa Grécia que, a poucos dias do próximo acto eleitoral, está num período de forte instabilidade social, política e económica.

“Os gregos não esquecem que Samaras e o ND eram anti-memorando antes das eleições de 2012 e, depois, transformaram-se num instrumento da troika”, acusa o jornalista Giannis Giannoudakis. Quanto à “pressão” exercida enquanto alerta para os perigos que uma eleição do Syriza pode representar, os gregos ouvidos pelo Negócios consideram que esta acabará por não ter qualquer impacto no dia da votação. “Em 2012, o medo do desconhecido era muito maior do que agora” até porque, actualmente, “a maioria dos gregos acredita que a situação não pode ficar muito pior do que já está”, analisa Giannoudakis. Para Athanasios, estas “pressões não terão um impacto decisivo, contrariamente ao que sucedeu nas eleições de 2012”. O povo helénico percebe que se trata de um instrumento utilizado “pela coligação governamental” que, depois, é “mediatizado pelos media detidos por alguns oligarcas gregos”.

Athanasios descreve a actual conjuntura grega como uma “economia 4-D”, devastada pela “dívida, depressão, deflação e desinflação”. Razões suficientes para que este funcionário público acredite que “os riscos e os medos” de mudança “apenas existem na nossa mente, acabando por, normalmente, nunca se materializarem”. O descendente de portugueses Nikolaidis diz mesmo que até “alguns cidadãos ortodoxos, que valorizam a ordem social, vão votar no Syriza porque estão zangados” com a actual situação.

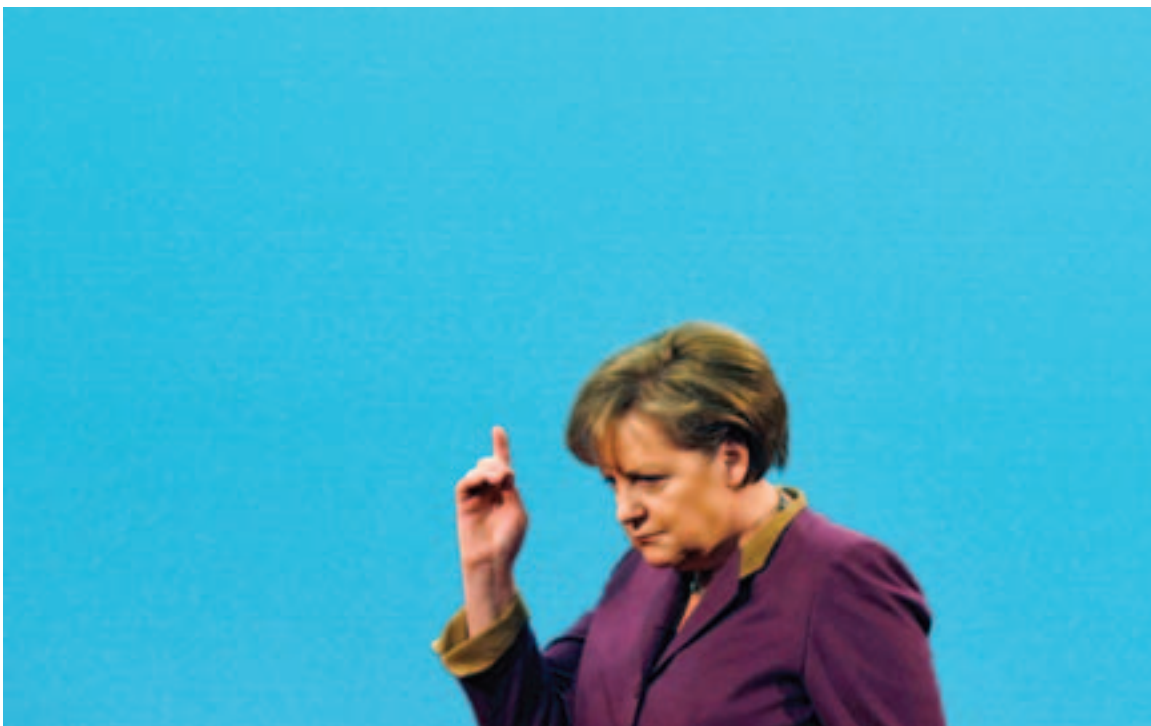
É este cansaço que pode levar os gregos a negligenciarem os eventuais receios de uma saída grega da Zona Euro. O fotógrafo Dionyssis Matiatos não consegue dizer se a saída do euro “é algo real ou apenas um assustador conto de fadas”, mas mostra-se seguro ao afirmar que a Grécia “é um país cansado e sem perspectivas de futuro”. O desejo de Matiatos é que o próximo governo “garanta uma sociedade mais justa”.

Este desejo é acompanhado pelo temor da repetição de uma história já conhecida, que deixaria a Grécia novamente em suspenso à espera de um governo. “É duvidoso que, seja quem for o vencedor das próximas eleições, se consiga alcançar a maioria requerida de 151 deputados no parlamento”, prevê Athanasios. Contudo, Nikolaidis acredita que “uma vitória do Syriza irá trazer apenas uma instabilidade generalizada”. **W**



Alikis Konstantinidis/Reuters

Antonis Samaras quer ser reconduzido na chefia do governo helénico e alerta para os riscos de uma vitória do Syriza.



David Gray/Reuters

A chanceler Angela Merkel assegura que os compromissos são para cumprir, independentemente de quem vencer as eleições gregas.

Alex Stubb, ao colocar de parte qualquer possibilidade de perdão de dívida à Grécia.

Mais conciliadora é a visão do professor alemão Eckart Stratenschulte, director da Academia Europeia de Berlim. Para este académico, a solução poderá estar na cedência de parte a parte: “reformas em troca de apoio”, sinaliza. Para Atenas beneficiar de um perdão de dívida, a Grécia, mesmo que vença o Syriza, não poderá colocar de parte a prossecução de muitas das reformas estruturais previstas nos memorandos de entendimento, reforça Stratenschulte. “Vamos ter uma combinação de austeridade e redução da dívida, toda a gente sabe isso”, explica o especialista em questões europeias. Na sua perspectiva, a via negocial é indispensável caso Atenas queira mesmo um perdão de parte da dívida, algo “impossível enquanto resultado da pressão grega, uma hipótese que seria extremamente impopular na Alemanha”.

Potencialmente disruptiva, esta alternativa poderá estar realmente a ser avaliada. “Há ideias que estão apreendidas mas não são expressas para evitar, por exemplo, a instabilidade dos mercados”, adianta o antigo director do Gabinete da CE em Portugal. Mesmo o Syriza “quer uma solução europeia para a dívida”, recorda Paschos Mandravelis, tendo Tsipras já defendido que “o problema da dívida não é apenas da Grécia, mas também da Europa”.

Apesar de ser um tema tabu para as lideranças europeias, Eckart Stratenschulte afirma que um perdão de dívida à Grécia “não só vai acontecer, como tem de acontecer”. **W**

O Syriza não deverá quebrar os acordos com a UE porque trata-se de um partido cada vez “mais próximo do centro-esquerda”, diz o politólogo grego Paschos Mandravelis.